

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
A CLÍNICA PSICANALÍTICA DE FREUD A LACAN

NATHALIE CAMARA LIMA TINOCO

**Histeria e feminino: um estudo preliminar**

Campos dos Goytacazes

2009

NATHALIE CAMARA LIMA TINOCO

**Histeria e feminino: um estudo preliminar**

Monografia apresentada à Universidade Estácio de  
Sá como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Pós-Graduação em Psicanálise.

Orientador Prof. Ms. Renata Mattos de Azevedo

Campos dos Goytacazes

2009

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro a Deus, pela luz que me deste.

Aos meus pais, Flor e Júlio, pelo carinho e compreensão.

Em especial, à minha orientadora Renata, pela dedicação ao ensinar e as inesquecíveis lições; e, também, a Germano por contribuir no meu desempenho pessoal e profissional a cada dia.

Que diz Dora através de sua neurose? Que diz a histérica-mulher?

Sua questão é a seguinte: *O que é ser uma mulher?*

(Jacques Lacan, 1955-56, p. 200)

## RESUMO

Este trabalho visa apresentar conceitos relevantes ao que diz respeito à estrutura histérica frente ao seu posicionamento sobre a questão do feminino. Considerando a articulação entre esses dois temas, será possível fazer um percurso desde a constituição do psiquismo, e a fundação do inconsciente, com o surgimento de um sujeito pautado na linguagem, até como este responde, através da escolha de sua neurose, às experiências traumáticas infantis, especialmente no que diz respeito à estrutura de histérica. Para compreender a resposta sintomática da histeria, serão utilizados os conceitos de complexo de Édipo e de castração, e lançar mão do caso Dora presente na obra freudiana, com a finalidade de um entendimento maior da relação entre a histeria e o feminino, assim como uma nova posição frente à questão que o sujeito traz sobre sua escolha sexual. Com base na teoria psicanalítica de Freud e de Lacan, será feita uma pesquisa bibliográfica acerca da estrutura histérica, juntamente com os conceitos relacionados a essa temática.

**Palavras-chave:** Psicanálise, sujeito, histeria, feminino

## **ABSTRACT**

*This work aims to present relevant concepts related to the hysterical structure concerned to its position about the question of the feminine. Considering the articulation between these two themes, it will be possible to reflect on the constitution of the psychism and the foundation of the unconscious, having as a consequence the emergence of a subject based on the language, and it will be possible as well to understand how this subject answer, trough the choice of his/her neurosis, to traumatic infantile experiences, specially related to the hysteria. In order to understand the symptomatic answer from the hysteria, it will be used the concepts of the Oedipus complex and the castration complex, and it will be commented the case Dora, presented on the work of Freud, with the object of a deeper comprehension of the relation between the hysteria and the feminine, and also a new position of the subject about his/her sexual choice. It will be conduced a bibliographical research on the hysterical structure and on concepts related to this theme, based on the psychoanalytical theories of Freud and Lacan.*

**Key-words:** *Psychoanalysis, subject, hysteria, feminine*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I – O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE EM FREUD E EM LACAN.....</b>	<b>09</b>
2.1 A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO.....	09
2.2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	13
2.3 O INCONSCIENTE.....	16
<b>3 CAPÍTULO II – AS CARACTERÍSTICAS DA NEUROSE HISTÉRICA.....</b>	<b>22</b>
3.1 A ESCOLHA DA NEUROSE HISTÉRICA.....	22
3.2 A PULSÃO E O MECANISMO DO RECALQUE NA HISTERIA.....	25
3.3 A FORMAÇÃO DOS SINTOMAS HISTÉRICOS.....	29
<b>4 CAPÍTULO III – OS COMPLEXOS DE ÉDIPO E DE CASTRAÇÃO NA FORMAÇÃO DA FEMINILIDADE.....</b>	<b>35</b>
4.1 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E EM LACAN.....	35
4.2 O COMPLEXO DE ÉDIPO NA MENINA E NO MENINO.....	40
4.3 O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E A QUESTÃO DO MASCULINO <i>VERSUS</i> FEMININO.....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a proposta de compreender a articulação entre dois temas pertinentes à psicanálise freudiana e lacaniana: a histeria e o feminino. Para que isso seja possível dividiremos este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, trataremos algumas questões imprescindíveis para uma melhor compreensão sobre a constituição do sujeito e de como o psiquismo é fundado, e a maneira em que as relações com o cuidador são estabelecidas, assim, como a fundação do inconsciente.

No segundo capítulo, será abordada a questão da escolha de uma neurose, e os mecanismos nos quais estão envolvidos para que esse processo ocorra. No que se refere aos destinos da pulsão, especialmente na histeria, encontraremos a impossibilidade da satisfação pulsional completa, tendo como saída o contorno do objeto. Ainda, articularemos os conceitos apresentados ao caso Dora da obra freudiana, e seus desdobramentos para a temática acerca do feminino.

Enfim, o terceiro capítulo nos trará a dimensão de como os complexos, tanto o de Édipo quanto o de castração, são realizados, a fim de ratificar a escolha da neurose, feita na etapa pré-genital. A compreensão destes complexos nos levará aos conceitos relacionados, tais como: falo, metáfora paterna e o feminino, para um melhor entendimento sobre os dois temas inicialmente propostos.



## 2 CAPÍTULO I - O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE EM FREUD E EM LACAN

Neste primeiro capítulo, abordaremos algumas questões que dizem respeito à constituição do sujeito e como o psiquismo é fundado. Com a formação do psiquismo, veremos como o sujeito se posicionará frente ao objeto, e como as relações com o cuidador são estabelecidas. Nesse sentido, poderemos apontar como Freud, através dos estudos da estrutura histórica, chegou ao conceito do inconsciente, e que a partir de sua fundação há o surgimento do sujeito, um sujeito do inconsciente. Essas questões nos são importantes por apresentarem aspectos acerca do sujeito estudado pela psicanálise, para que assim possamos, ao longo deste trabalho, compreender a estrutura histórica e sua relação com o feminino.

### 2.1 A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO

Na *Carta 52*, de 1896 endereçada a Fliess, Freud começa a descrever o aparelho psíquico como um lugar no qual os traços de memória podem ser escritos, e posteriormente ordenados. Através dos traços de memória, o bebê passa a diferenciar o que é bom e o que é ruim a partir do contato com o cuidador e aquilo que é oferecido por ele. Freud (1950[1896]/1996) aponta que haveria no psiquismo registros diferentes de inscrições, ordenadas tanto espacialmente quanto temporalmente. Podemos identificar três registros, o primeiro é o Wz, *Wahrnehmungszeichen*, que corresponde à indicação da percepção, que dispõe-se por associações por simultaneidade e é incapaz de ser acessado pela consciência. O segundo registro é o Ub, *Unbewusstsein*, a

inconsciência. E o último é o Vb, *Vorbewusstsein*, a pré-consciência, ligada às representações verbais.

Em cada registro, os traços da memória podem ser lidos de uma maneira específica, ou seja, neste momento pode-se apreender que Freud já indica algo inclinado para a linguagem, pois em cada registro os traços necessitam de uma nova ordenação ou retranscrição para que assim possam ser lidos por outro registro (*Ibidem* p. 283). A retranscrição dos traços é o que permite uma representação específica para as diferentes instâncias psíquicas. A idéia de registros nos leva a pensar em uma forma abstrata de lugares psíquicos, diferentemente de serem localizados no cérebro. É importante ressaltar que a representação realizada em cada registro passa a funcionar sob as leis deste. Portanto, em cada registro, por ter suas próprias leis de funcionamento, lidará com os afetos ligados às representações de uma forma diferente.

Nesta carta de Freud, o recalque é concebido como uma falha na tradução, pois quando um desprazer é produzido causado por uma tradução incompatível com um determinado registro, há então um impedimento do pensamento de realizar tal tradução. O recalque consistirá em expulsar a representação do determinado registro. Então, essa expulsão relaciona-se ao psiquismo, através do recalque originário, fundando o inconsciente.

Freud, algum tempo depois, em 1900-1901 escreve *A Interpretação dos Sonhos*, a fim de abordar os processos que ocorrem nos sonhos, a dinâmica destes e as leis que regem o inconsciente. Neste texto, no que se refere ao tópico sobre a *Regressão*, há uma estruturação sobre o desenvolvimento do aparelho psíquico. Primeiramente, Freud (1900-1901/1996) vai afirmar que no psiquismo não existe uma localização anatômica. O aparelho psíquico passa a ser dividido por sistemas ou instâncias psíquicas, que se relacionam entre si, e são ordenados de forma temporal e espacial. Neste modelo do aparelho psíquico, vale apresentar que não importa

somente a localização espacial dos sistemas, mas como ocorre o processo de descarga de energia.

Assim:

A primeira coisa a nos saltar aos olhos é que esse aparelho, composto de sistemas-y, tem um sentido ou direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro, que abre as comportas da atividade motora. Os processos psíquicos, em geral, transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora. (Freud, 1900/1996, p. 568)

Freud (*Ibidem*) afirma que os traços mnêmicos inscritos na infância são os que mais marcam o sujeito e que não são inacessíveis à consciência. Isso ocorre porque esses traços dizem respeito ao recalque originário, o primeiro recalque que funda o inconsciente. Com o estudo dos sonhos, Freud (*Ibidem*) pode concluir que estes são realizações de desejos<sup>1</sup>, e que se apresentam através da dinâmica entre os sistemas inconsciente, consciente e pré-consciente. Esse movimento entre a realização dos desejos e os sistemas psíquicos nos ajuda a compreender a formação dos sintomas, como veremos posteriormente.

No modelo do psiquismo apresentado, podemos verificar que os processos psíquicos percorrem de uma extremidade sensorial, relacionada às percepções que dão origem aos traços de memória, à outra extremidade, a motora, onde acontecem as ações voluntárias e conscientes. Das percepções obtidas, que resultam em traços de memória, associam-se a um determinado evento através da simultaneidade em que ocorreu, e ficarão registradas com fatos similares. A relação existente entre eles é chamada de memória. Sobre esse aspecto Freud desenvolve que:

---

<sup>1</sup>A concepção do desejo em Freud refere-se especialmente ao desejo inconsciente, distanciando a necessidade do desejo e propondo uma experiência de satisfação que o constituirá relacionando-o à falta, uma vez que esta satisfação não é possível de ser atingida plenamente e que não haverá, assim, um objeto passível de atendê-la, como veremos mais detalhadamente neste capítulo.

Em nosso aparelho psíquico, permanece um traço das percepções que incidem sobre ele. A este podemos descrever como “traços mnêmicos”, e à função que com ele se relaciona damos o nome de “memória”. Se levamos a sério nosso projeto de ligar os processos psíquicos a sistemas, os traços mnêmicos só podem consistir em modificações permanentes dos elementos dos sistemas. (*Ibidem*, p. 568)

Após vinte e cinco anos da publicação da *Interpretação dos Sonhos*, isto é, em 1925, Freud trabalha algumas questões do aparelho psíquico sobre os sistemas consciente, pré-consciente e perceptivo no texto *Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'*, fazendo uma analogia do psiquismo com um bloco mágico. Esse invento chamado de Bloco Mágico tem a função de uma prancha de escrever, e para apagar o que foi escrito basta apenas um movimento com a mão. Esta prancha de resina possui uma folha fina transparente presa pela parte superior, a parte de cima da folha é feita de celulóide e a de baixo, que fica em contato com a prancha, de papel encerado. Não é necessário o uso de giz ou lápis, e sim um objeto pontiagudo, como um estilete. Esse objeto primeiramente entra em contato com a folha de celulose, que funcionará como um escudo a fim de proteger a prancha de cera dos estímulos externos. O estilete ao tocar a folha de celulose, marca a prancha, produzindo a escrita. Para ser apagada é necessário levantar a parte superior da prancha, assim podem ser feitas novas inscrições. Mesmo sendo apagada a escrita na celulose, podemos ver que a prancha fica levemente marcada.

Dessa forma, Freud (*Ibidem*) nos mostra o funcionamento do psiquismo, em que os traços inscritos na consciência se apresentam ali por pouco tempo, enquanto os traços inscritos no inconsciente permanecem. É importante ressaltar que este processo do aparelho psíquico é constante.

## 2.2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Freud, ao longo de sua obra faz uma construção acerca da constituição do psiquismo do ser humano. Essa constituição é feita a partir do nascimento e da relação com seus cuidadores. Podemos verificar o desenvolvimento dessa construção em vários textos freudianos. Assim, como no texto do *Projeto para uma psicologia científica* datado em 1895, especificamente no tópico sobre *A experiência de satisfação*, há em especial aspectos importantes sobre a influência da descarga de energia com a finalidade de eliminar a tensão acumulada e como isso reflete na constituição do aparelho psíquico. Nesse momento podemos ver que a constituição do sujeito<sup>2</sup> se refere às inscrições dos traços de memória e tem uma relação com as primeiras experiências de satisfação vivenciadas pelo bebê. Primeiramente, ele vai falar de neurônios nucleares, que são aqueles em que a energia investida se dá através de fatores internos; quando há um acúmulo dessa energia ela precisa ser descarregada, e isso ocorre pela via motora. Esse processo será contínuo, ou seja, o acúmulo da energia interna e a descarga estarão sempre presentes. Deste modo, esse processo somente não aconteceria se não houvesse um estímulo externo capaz de acumular a energia e realizar a descarga.

---

<sup>2</sup> O termo sujeito não é apresentado na obra freudiana, mas podemos ler nela um sujeito, tal qual será posteriormente conceituado por Jacques Lacan, já que este conceito aponta para o inconsciente, ou seja, que fala de uma verdade sobre si.

Podemos pensar que na relação da mãe com o bebê, conforme pontuada por Freud, a mãe interpreta a descarga do bebê (um choro, por exemplo), dando um sentido a essa descarga, e, ao fazer isso oferece também um objeto. O cuidador ao interpretar a descarga do bebê como uma necessidade, sem saber qual é realmente, acaba dando um sentido a esta descarga. A mãe ao realizar esse movimento de dar sentido à necessidade do bebê acaba interpretando como uma demanda sendo dirigida a ela, e oferecendo algo do seu desejo ao bebê. Sobre essa ação específica da mãe e o estado inicial do bebê de completa dependência e alienação a quem o cuida, podemos indicar em Freud que,

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*. (Freud, 1895/1996, p.370; grifos do autor).

Há nessa relação um laço com o outro, com o cuidador<sup>3</sup>. É importante apontar que se inicia aí uma relação de amor/ódio do bebê com o cuidador, pois ao mesmo tempo em que o cuidador, um objeto semelhante, foi o primeiro objeto de satisfação também é o único que pode ajudar no apaziguamento das tensões.

O objeto que é oferecido pela mãe ao bebê não o satisfaz por completo, sendo uma satisfação parcial, a fim de diminuir a tensão vivida pelo bebê. A idéia de satisfação é vista por Freud como uma experiência que visa apaziguar as tensões vividas pelo bebê a partir de uma

---

<sup>3</sup> Podemos ler nessa formulação freudiana a questão que Lacan formula sobre a constituição do sujeito não apenas em relação ao outro, um outro sujeito, semelhante a ele, mas, principalmente, com o campo da linguagem, ou seja, com o Outro enquanto alteridade radical ao sujeito.

necessidade. E devido a este fato, de que não há um objeto que possa satisfazer plenamente o circuito pulsional, há uma alucinação do objeto que poderia trazer a satisfação, instaura-se aí o desejo como um motor para o psiquismo. Podemos perceber que nessa relação mãe/bebê já se instaura a falta para o sujeito, pois o objeto desejado pelo bebê não foi obtido, não tendo ocorrido, uma satisfação completa. A ação realizada pelo cuidador é caracterizada como um traço de memória, que fica marcado para o bebê. Esse momento marca uma experiência de satisfação que traz conseqüências para o sujeito. O bebê se dirige ao outro para que a tensão interna insatisfatória seja eliminada, porque o bebê não é capaz de realizar essa ação sozinho, e não tendo o cuidador meios para apaziguar as tensões, elas só crescerão. A partir daí podemos caracterizar esse primeiro desejo do bebê, como um desejo alucinatório, ou seja, há uma diferença, um abismo entre a tensão sentida pelo bebê que deveria ser eliminada e o que o cuidador está oferecendo para diminuir essa tensão. Nesse sentido o objeto da satisfação torna-se perdido.

Sobre o desejo, podemos dizer que quando há um investimento na imagem mnêmica, ou seja, na imagem psíquica de um objeto, e é oferecido ao bebê algo diferente, cria-se um interesse sobre essa imagem percebida que foi oferecida. Daí, esta imagem é ativada e passa a ser investida a fim de encontrar um vínculo entre a desejada e a oferecida. A imagem mnêmica esperada fica positivada no psiquismo. Quando o que é oferecido é algo conhecido, será recordada e revivida da mesma maneira, mesmo não sendo o objeto esperado. A partir daí o objeto conhecido passa a fazer parte de algo que é da ordem da repetição.

Ainda no *Projeto*, é apontado por Freud no tópico sobre *Memória e Juízo*, algumas considerações sobre o complexo do semelhante<sup>4</sup>, e como o bebê age diante de um objeto que

---

<sup>4</sup> O termo alemão *Nebenmensch*, está mais relacionado a uma idéia de proximidade do que a de uma semelhança. Portanto, na tradução espanhola tem-se o 'complexo do próximo'. Freud, Sigmund. 91950 [1895]). Proyecto de psicología. In: *Obras completas*. 2ª ed. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 376.

cause desprazer. Há também aspectos importantes acerca do desejo que não é satisfeito. Esses aspectos são importantes para a compreensão da constituição do sujeito.

Freud (*Ibidem*) indica que o cuidador, o seu próximo, é o primeiro objeto de satisfação do bebê, o primeiro objeto hostil, e o único auxílio que tem para diminuição das tensões. Assim, o próximo é o primeiro objeto que é percebido pelo bebê, através de traços e movimentos. Com a percepção de algum traço desse cuidador que produza um aumento da tensão, o bebê passa a julgar o que é bom e o que é ruim desse objeto, para poder eliminar suas tensões. Este processo seria o primeiro recalque, ou melhor, o recalque originário que funda o inconsciente. Quando o bebê expulsa esse objeto que causa desprazer, cria-se uma representação do objeto no psiquismo. Ou seja, é a própria exclusão deste objeto, tornado, assim, perdido, que cria o campo das representações. A esse objeto primeiro, expulso pelo bebê, Freud dá o nome de *das Ding*.

No texto *A Negativa*, de 1925, Freud apresenta *das Ding*, a Coisa, relacionada àquilo que é interno e externo. A partir da capacidade de julgamento, em que há uma escolha da condução entre o pensamento e a ação, pode-se apontar dois caminhos: afirmar ou negar a posse de um determinado objeto que possa ser representado na realidade. Essa representação cabe o julgamento do objeto em ser bom ou mal. O que é bom é introjetado ao eu, e o que é mau deve ser expelido. Portanto, o objeto não deve ser apenas integrado ao eu, mas também fazer parte do mundo externo. Vale ressaltar que o importante nesse movimento de introjeção/expulsão é que “(...) o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele está lá” (*Ibidem*, p. 267). Essa passagem nos traz uma idéia não apenas de busca de um objeto, mas de reencontrar um objeto perdido e certificar que ele está no campo externo. Isso pode ser associado ao que foi apresentado anteriormente sobre a experiência de satisfação vivenciada pelo bebê, em que o objeto torna-se perdido.



### 2.3 O INCONSCIENTE

Em 1915, no texto *O Inconsciente*, é justificado o conceito fundamental da teoria psicanalítica, o processo psíquico inconsciente, sendo estudado de uma forma profunda e ampliada. Neste texto, é retomada a idéia da primeira tópica do aparelho psíquico, constituído de pré-consciente, consciente e inconsciente, pois, como já vimos desde o *Projeto* (1985) e *A Interpretação dos sonhos* (1900), a primeira tópica vem sendo construída na obra freudiana, culminando neste artigo metapsicológico.

Na primeira tópica, o inconsciente é caracterizado como um sistema descritivo e dinâmico. A partir do texto de 1915, Freud utiliza a idéia de que a consciência não dá conta de explicar todas as ações realizadas pelo sujeito, apontando para algo que escapa à ela, e que pode determiná-la. Essa idéia é defendida por Freud para justificar o conceito de inconsciente, e assim sustentá-lo.

Através dos estudos e questões levantadas não só acerca da estrutura histórica, mas também com a observação de situações cotidianas, Freud começou a se deparar com fenômenos *a priori* sem explicações pelo sistema consciente, tais como, os sonhos, os atos falhos e esquecimentos, passíveis de ocorrer a quaisquer sujeitos. Com base nisto, passa a sustentar a afirmação da existência do inconsciente, pois antes da postulação desse conceito havia um modelo de sujeito pautado na consciência, que é aquele que sabe tudo sobre si e tem acesso direto à sua verdade.

O sujeito da consciência foi formulado pelo filósofo francês René Descartes no advento da ciência moderna através do argumento do Cogito, “*Je pense donc je suis*”, traduzido como “Penso, logo sou”. Essa formulação feita por Descartes visa mostrar que o saber está com o sujeito de uma maneira consciente; a partir do momento em que é possível duvidar de algo, há o pensamento. Podemos verificar essa proposição segundo Luciano Elia (2007, p. 12):

A partir desse abalo, de que se pode estar seguro, afinal? É no ponto de angústia, por assim dizer, desse momento, que Descartes, fazendo da dúvida seu método, responde algo que pode ser enunciado assim: “não posso não estar certo de que, ao duvidar de tudo, inclusive do fato de que estou duvidando, continuarei duvidando, e assim a única certeza que posso ter é a de que duvido”.

O material psíquico era visto como equivalente ao consciente. Indo contra este paradigma, Freud (1915/1996) começa a questionar o modelo de um sujeito somente da consciência, e responde, mais especificamente neste texto, que é inadequada a visão do material psíquico equivaler ao consciente. A consciência possui algumas lacunas que não têm como ser explicada por si mesmas. Então, podemos dizer que essas lacunas referem-se a uma ausência de consciência, ou seja, que são pertencentes ao inconsciente. Segundo Freud (*Ibidem*) o material consciente é muito pequeno comparado ao material latente, e quando o latente passa a ser levado em conta podemos apontar a existência do inconsciente. Portanto, para a psicanálise o ponto crucial está no além da consciência, ou seja, no inconsciente.

Freud recorreu também a outros materiais, em momentos distintos de sua obra, para evidenciar a existência e predominância do inconsciente, como o estudo da etiologia de algumas palavras. Assim, em *O Estranho* (1919), Freud faz várias articulações acerca da etiologia da palavra alemã *unheimlich*, e apresenta o estranho como aquilo que é assustador. A palavra alemã *unheimlich* possui diversas traduções. Uma possível seria a palavra “estranho”. No alemão, pode

significar tanto algo que não é familiar (*heimlich*), não é conhecido, como algo que é familiar, usual. Segundo os estudos de Freud (*Ibidem*) isso é muito significativo, pois aquilo que é estranho se caracteriza justamente por algo que era familiar e se torna subitamente e inexplicavelmente estrangeiro, estranho. Assim, o estranho deriva seu terror não de alguma fonte externa ou desconhecida, mas, pelo contrário, de algo estranhamente familiar que supera quaisquer esforços do indivíduo para se separar dele. É essa a característica de estranho que podemos relacionar ao inconsciente.

Retomando o texto *O Inconsciente*, Freud (1915) indica que os processos psíquicos inconscientes se constituem de atos latentes, e também recalçados. Podemos afirmar inicialmente que o recalçado e o inconsciente não são a mesma coisa, o recalçado não é tudo o que está inconsciente. O processo de recalque, que será visto posteriormente, é efetivado quando uma idéia inconsciente é recusada pela censura, assim não poderá passar para o sistema consciente. Na concepção freudiana deste período, o trabalho de análise passaria por uma tradução do material inconsciente para a consciência. Quando um registro deixa de pertencer a um sistema e passa a fazer parte de outro registro dizemos que este material passou por uma tradução, e funcionará de acordo com o registro vigente, como já se encontra em Freud desde a *Carta 52*.

No que refere às qualidades do sistema inconsciente, podemos apontar com Freud (*Ibidem*) que não há negação, dúvida ou certeza; tais processos serão efetuados pela censura. O núcleo do inconsciente é composto pelos representantes pulsionais, que têm como objetivo à descarga de investimento. Seus processos são atemporais, ou seja, não são ordenados de acordo com o tempo e nem modificados por ele, e são regulados pelo princípio de prazer.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Princípio de prazer é um dos princípios que, na obra freudiana, foram postulados para dar conta do funcionamento psíquico, tendo como principal função eliminar o aumento de tensão do aparelho psíquico, promovendo, com isso a redução das excitações. O aumento destas tensões é vivenciado como desprazer, enquanto que sua redução proporciona o prazer. É preciso acrescentar que o princípio de prazer tem seu funcionamento atrelado ao princípio de

No início do texto *O Eu e o Isso* (1923), Freud afirma que a divisão do aparelho psíquico é a base principal para a psicanálise, ou seja, a divisão entre os processos conscientes e inconscientes. A partir desse texto, há a formulação da segunda tópica do aparelho psíquico, que passa a ser dividido em eu, isso e supereu. Neste momento, o eu passa a ser parcialmente inconsciente, se constituindo a partir do isso. O eu corresponde ao sistema perceptual e ao pré-consciente, o isso à parte inconsciente e o recalcado e o supereu é o que representa as relações com a moral e a censura.

Para avançarmos em nosso estudo, nos voltamos a Lacan, que deu importantes contribuições para a psicanálise, fazendo uma leitura de Freud que ressalta a inovação por ele proposta com o conceito de inconsciente, e o articulando ao campo da lingüística, ainda que se apropriando dele de uma maneira particular. Lacan, (1964/1998), no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, especificamente na aula sobre *O inconsciente freudiano e o nosso*, faz uma articulação entre o inconsciente e a linguagem, através do pensamento de Claude Lévi-Strauss, com a noção de estrutura. Antes das relações humanas serem estabelecidas, elas são determinadas, ou seja, já são organizadas e possuem uma estrutura. Nesse aspecto Lacan afirma que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (*Ibidem*, p.25). Assim como a linguagem, o inconsciente possui suas regras. A psicanálise lacaniana enfatizará que é através da linguagem que o sujeito se constitui, apesar de que é através da fala que a psicanálise freudiana realiza a descoberta do inconsciente, levando em consideração os atos falhos, ou melhor, os equívocos. O ponto de diferença entre o inconsciente freudiano e o lacaniano está em Lacan fazer uso da lingüística, especialmente de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson. Na psicanálise o sujeito é apresentado nas hiências e mancadas da própria fala, porém Lacan lança mão do termo

---

realidade, que funciona à serviço do primeiro, alterando-o e regulando-o, buscando vias de encontrar a satisfação que produzirá o prazer.

significante usado na lingüística, e que é nos espaços entre os significantes e nos equívocos do próprio discurso que podemos escutar o sujeito.

De acordo com Lacan (*Ibidem*), nesses espaços o que se produz é um achado que pode ser novamente perdido. Assim, é importante frisar que, para a psicanálise, o sujeito é do inconsciente, e não da consciência. A linguagem tem a função de acesso ao inconsciente, e também, de nos dar notícias da posição singular do sujeito, mais especificamente, e de certas características presentes em determinadas estruturas clínicas. Podemos verificar essa função com Lacan, particularmente no que diz respeito à estrutura histérica:

O traço diferencial da histérica é precisamente este – é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu desejo. De modo que não é de espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que ele tenha descoberto os mecanismos do inconsciente. (*Ibidem*, 1964/1998, p. 19)

Considerando o que Lacan (*Ibidem*) nos mostra acima podemos apreender em relação à psicanálise que foi partindo dos estudos das pacientes históricas que Freud pôde construir o conceito de inconsciente e formular a teoria psicanalítica, mas para que isso fosse feito foi necessário a escuta das pacientes históricas, e perceber que é através da linguagem que o sujeito exprime seus desejos.

### **3 CAPÍTULO II – AS CARACTERÍSTICAS DA NEUROSE HISTÉRICA**

A segunda parte desse trabalho refere-se à construção dos sintomas na estrutura histérica. Veremos que essa construção parte de uma escolha feita pelo sujeito, e para isso é necessário pensarmos no mecanismo do recalque, como aquilo que funda a neurose, e ao mesmo tempo o apresentando-o como um dos destinos da pulsão. A partir daí poderemos compreender a posição histérica através da psicanálise, juntamente com o caso clínico apresentado na obra freudiana da paciente Dora, para avançarmos na questão do feminino.

#### **2.1 A ESCOLHA DA NEUROSE HISTÉRICA**

Antes de falarmos sobre a escolha da neurose, é importante explicitar que a mesma é instaurada pelo recalque originário, que funda o inconsciente, podendo o sujeito dar diferentes respostas sintomáticas diante dele. Tanto a neurose obsessiva quanto a histeria constituem o campo da neurose. Em ambos os casos, ocorre uma cisão entre a representação (idéia carregada de sentido sobre a experiência) e o afeto (intensidade do estado afetivo, penoso ou desagradável) por meio do mecanismo do recalque. A representação por ser incompatível com uma das instancias psíquicas será afastada de cena, enquanto o afeto permanecerá, podendo novamente ligado. Na neurose obsessiva, o afeto se ligará a outras idéias; na histeria o afeto será descarregado no corpo, levando a formação dos sintomas histéricos.

De acordo com Freud, em *Estudos sobre a histeria* (1893), o sintoma histérico remete a uma primeira experiência traumática, ocorrida anos antes do sintoma atual. Portanto, há uma dificuldade de se lembrar do que desencadeou o sintoma, até mesmo pelo fato do próprio paciente não fazer com ele nenhuma conexão a algo ocorrido. Neste momento, para fazer uma investigação sobre tal conexão, Freud utiliza a técnica da hipnose, porém, deduz-se que nos ataques históricos há uma repetição do primeiro evento que desencadeou o primeiro sintoma.

Nossas experiências, porém, têm demonstrado que os mais variados sintomas, que são ostensivamente espontâneos e, como se poderia dizer, produtos idiopáticos da histeria, estão tão estritamente relacionados com o trauma desencadeador quanto os fenômenos a que acabamos de aludir e que exibem a conexão causal de maneira bem clara. (Freud, 1893/2006 p. 40)

Sobre a escolha de uma neurose, nos deparamos com algumas questões, assim como Freud (1913/1996) destaca em seu artigo *A Disposição à Neurose Obsessiva*, no qual tem a preocupação em compreender o porquê de um sujeito fazer a escolha de uma determinada neurose ao invés de uma outra. Até a publicação desse artigo, o que se sabia era que o surgimento de uma neurose estava relacionado a algo patogênico, sem relação com as experiências vividas. Através desse artigo, Freud (*Ibidem*) apresenta que as experiências têm uma certa influência na escolha de uma neurose. Podemos apontar que na obra freudiana o termo ‘disposição’ não possui uma idéia de hereditariedade ou de uma influência biológica, mas sim de uma determinação do sujeito no sentido de sua constituição, ou melhor, de uma determinação baseada em suas experiências infantis e forçada pelo seu cuidador<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Essa questão da disposição da neurose relaciona-se a um conceito da teoria freudiana apresentado como sobredeterminação, sobre o qual não deteremos.

Para que possamos entender como se dá a escolha de uma neurose, Freud (*Ibidem*) esclarece que a importância de analisar o curso de estruturação do sujeito, em que está submetido a estágios até chegar à fase adulta. No momento em que o eu se fixa em um determinado estágio, podemos chamá-lo de ponto de fixação. E quando o sujeito não consegue lidar bem com alguma situação externa, pode fazer uma regressão a este ponto a que ficou fixado.

Há uma diferença para o desencadeamento de cada neurose. Essa diferença diz respeito ao momento em que ocorreu a situação externa, que foi vivida como traumática para o sujeito (*Ibidem*, p. 343). No caso da histeria, a situação traumática ocorreria nos primeiros anos de vida; já a neurose obsessiva na segunda infância. Portanto, podemos dizer que há uma organização pré-genital, ou seja, antes do estabelecimento da escolha do objeto. A etapa pré-genital é marcada pelo narcisismo e o auto-erotismo. A proposta de um desenvolvimento libidinal realizado numa etapa pré-genital pode ser apresentada por Freud (1917/2006, p. 344):

Para começar, havia apenas distinguido, primeira, a fase do auto-erotismo, durante a qual os instintos parciais do indivíduo, cada um por sua conta, buscavam a satisfação de seus desejos no próprio corpo, e, depois, a combinação de todos os instintos componentes para a escolha de um objeto, sob a primazia dos órgãos genitais a agir em nome da reprodução. A análise das parafrenias, como sabemos, tornou necessária a inserção entre elas de um estágio de narcisismo, durante o qual a escolha de um objeto já se realizou, mas esse objeto coincide com o próprio ego do indivíduo.

Após, esses momentos do auto-erotismo e do narcisismo, outro momento é apresentado para contribuir na escolha da neurose, uma vez que há o estabelecimento de uma escolha objetal no circuito pulsional, e que este objeto pertence ao mundo externo, porém ainda não se estabeleceu uma organização genital.



Ambas as neuroses, a histeria e a obsessiva, têm ligação com suas fases iniciais de vida. Segundo Freud (*Ibidem* p. 343), a diferença entre os dois tipos de neuroses, era vista antes por estar relacionado à atividade e passividade. Sendo que a histeria teria algo haver com a passividade e a neurose obsessiva com a atividade. Essa formulação foi abandonada por ele constatando como incorreta. Tais características podem igualmente ser relacionadas com as idéias de masculino e de feminino. Porém, a diferença entre masculino e feminino é feita pela ação da reprodução, ainda não está presente na escolha pré-genital do objeto. O que está presente é a divergência entre a passividade e a atividade, podendo ser relacionada aos sexos.

Freud (1917/1996), em sua Conferência XVIII, sobre a *Fixação em traumas – Inconsciente*, apresenta suas conclusões a respeito da atitude de seus pacientes neuróticos. Através do trabalho analítico pode-se verificar que há uma espécie de fixação em algum momento de sua vida passada, ou melhor, em sua mais tenra infância. O sintoma dos pacientes parece estar relacionado a um retorno dessa fixação ocorrida na infância.

Essa fixação se apresenta como uma experiência traumática, que foi insuportável naquele momento; a partir daí começa o desencadeamento da neurose. Assim, podemos pontuar juntamente com Freud, que esse desencadeamento se originou devido ao sujeito não ter conseguido lidar com a experiência traumática.

## 2.2. A PULSÃO E O MECANISMO DO RECALQUE NA HISTERIA

Em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), Freud apresenta o conceito de *Trieb*, isto é, a pulsão, juntamente com as suas características e seus destinos, fazendo uma diferenciação entre

necessidades internas do organismo, como a fome e a sede, referindo-se a eles como estímulos fisiológicos, e outras forças que não agem de forma momentânea (como a fome e a sede), mas de uma forma constante. Freud começa aí a delinear o conceito de pulsão.

Há também uma diferença entre estímulos internos, que necessitam satisfação, e externos, dos quais se pode fugir. A pulsão é essa força constante, que age a partir de dentro do organismo, não havendo como o sujeito fugir dela.

Os estímulos internos pulsionais têm uma satisfação específica que elimina a tensão que os originou, porém, sempre parcialmente. Atribuindo ao sistema nervoso e paralelamente ao aparelho psíquico o trabalho de responder a estes estímulos internos para aliviar o aparelho, satisfazê-los, obedecendo estão o princípio do prazer e o de constância.

Segundo Freud, a pulsão está relacionada a quatro elementos, a pressão *Drang* indica a quantidade de força que está sendo representada. A fonte (*Quelle*) indica o processo somático em alguma parte do corpo de onde se origina a pressão pulsional que será representada para o psiquismo. A sua finalidade, ou meta, (*Ziel*) é sempre obter satisfação. O objeto da pulsão (*Objekt*) é o que proporciona a chegar sua finalidade, o objeto pode ser do próprio corpo ou algo que se difere dele, não havendo uma pré-determinação de qual será este objeto. A partir daí é proposta na obra freudiana duas categorias para agrupar os tipos de pulsão, as pulsões de auto conservação ou do eu, e as pulsões sexuais. Podemos citar o que Freud diz sobre essas duas pulsões,

Logo que surgem, estão ligados aos instintos da autopreservação, dos quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetual, seguem os caminhos indicados pelos instintos do ego. Parte deles permanece associada aos instintos do ego pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no

funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. (Freud, 1915/2006a, p. 131)

Freud fala em quatro destinos pelos quais uma pulsão pode passar durante a vida do sujeito: reversão ao seu oposto, retorno ao próprio eu, recalque e sublimação. Esses destinos também podem ser considerados maneiras de se defender das pulsões. E nenhum destes pode dar conta da pulsão, ou seja, satisfazê-la plenamente.

Podemos apontar que Lacan (1964/1998), no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, na aula sobre *A desmontagem da pulsão*, faz uma releitura do conceito de pulsão a partir do texto freudiano de 1915. Assim, ele coloca que “a satisfação da pulsão é chegar ao seu Ziel, a seu alvo” (*Ibidem*, p. 157). Essa satisfação é descrita como paradoxal caracterizada como impossível, pois ao mesmo tempo em que o acesso ao objeto da pulsão é impossível, também é oferecido uma via de acesso através do contorno de seu vazio, uma vez que, como vimos anteriormente com Freud, o objeto é, para o sujeito, perdido quando de sua constituição. A satisfação absoluta é impossível, mas podemos pensar em um circuito pulsional, ou seja, em um trajeto da pulsão que se efetua pelo contorno do objeto e retorno ao seu ponto de origem, o que a prepara para reativar a sua fonte e iniciar um novo trajeto. O alvo pulsional é impossível de ser atingido de maneira direta por motivos estruturais. Nesse sentido, Lacan nos dá um exemplo como:

(...) Para a pulsão oral, por exemplo, é evidente que não se trata de modo algum de alimento, nem de lembrança de alimento, nem de eco de alimento, nem de cuidado da mãe, mas de algo que se chama seio e que parece que vai sozinho porque está na mesma série. (...) A esse seio, na função de objeto, de objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago essa noção – devemos dar uma função tal que

pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula parece ser esta – que a *pulsão o contorna* (*Ibidem*, p. 159).

Então, como já sabemos, a satisfação pulsional não consegue chegar à plenitude; podemos dizer juntamente com Lacan que trata-se de pulsões parciais.

Retornando ao texto *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), Freud fala dos momentos da pulsão e suas características de atividade, passividade e reflexibilidade, sempre citando como exemplo os pares sadismo-masoquismo e o voyeurismo-exibicionismo. Ele desenvolve a idéia de que primeiro há sempre a atividade (sadismo), depois a passividade (masoquismo) e então a face reflexiva da pulsão (fazer-se objeto para outro).

Freud associa as pulsões masoquistas e o exibicionismo com a organização narcisista do eu. Enfatizando novamente que não há um objeto específico, sem pré-determinação para a satisfação pulsional, ainda que esse coincida com a fonte, no caso de ser uma parte do corpo, mas que atenda à função de obter uma satisfação parcial. São relacionados os conceitos de narcisismo e auto-erotismo para dar conta de explicitar os mecanismos de satisfação das pulsões. Portanto, não é o objeto que sustenta o desejo, mas sim a fantasia. Na visão lacaniana há a escolha de um objeto que se dá através da fantasia, ou seja, na articulação entre os campos do simbólico e do imaginário<sup>7</sup>, que estabelece um modo de se relacionar com o objeto da pulsão de modo a dar um lugar ao sujeito frente a esse vazio.

Entretanto, sabendo-se que um dos destinos pulsionais é o mecanismo do recalque, tal qual como ocorre na estrutura neurótica, podemos conceituá-lo a partir do texto freudiano

---

<sup>7</sup> Lacan propõe o estabelecimento de três registros que atuam sobre o psiquismo, a saber, o simbólico, o real e o imaginário. O primeiro diz respeito ao campo da linguagem, da fala e do significante, envolvendo partes inconscientes quanto conscientes. O real seria justamente aquilo que escapa ao simbólico, que é impossível de ser representado. Enquanto que o imaginário traz tanto a dimensão das identificações, necessárias para a constituição da imagem do corpo, do eu, e do próprio sujeito, quanto àquilo que servirá de engodo para o sujeito.

*Recalque*, de 1915, e dizer que com a observação das estruturas clínicas neuróticas, a histeria e a neurose obsessiva, foi possível perceber que o mecanismo do recalque não surge no mesmo momento do nascimento do bebê, mas sim quando acontece uma divisão psíquica entre consciente e inconsciente. Dessa forma, essa divisão possibilita o funcionamento do processo do recalque, que visa o afastamento de uma determinada idéia da consciência. Freud (1915/2006, p.152) divide o processo de recalque em dois momentos. Num primeiro momento há um primeiro recalque que impede o acesso do representante pulsional no inconsciente, podemos chamar esse momento de recalque originário, ocorrendo aqui uma fixação ao objeto. No segundo momento as associações estabelecidas com o primeiro representante pulsional também seguem o mesmo caminho, ou seja, são recalcados. É importante ressaltar que mesmo com a ocorrência do recalque, o representante pulsional não deixará de existir, o que acontecerá é a expulsão somente na consciência, não ocorrendo também no inconsciente.

Segundo Freud (*Ibidem* p. 155), o recalque também está associado à produção de prazer/desprazer. Assim, mesmo sendo uma produção de desprazer, pode ser distorcido e promover prazer, mas é importante indicar que o recalque é removido por um tempo, voltando posteriormente, como nos chistes e atos falhos. Após a análise dos tipos de psiconeuroses estudados, pôde observar que essa defesa não é bem-sucedida, sempre deixando algo referido, principalmente, à angústia do sujeito.

A atuação do recalque deixa sintomas por onde passa (*Ibidem* p. 158). Assim, Freud começa a questionar o mecanismo que forma os sintomas como o mesmo que atua no processo de recalque. Dessa forma, Freud aponta que se trata de um “retorno do recalcado”, e não do mesmo processo. Veremos a partir de agora como se constituem os sintomas na neurose histérica.

### 2.3. A FORMAÇÃO DOS SINTOMAS HISTÉRICOS

A Conferência XXIII, dada por Freud no ano de 1917, sobre *Os Caminhos da formação dos sintomas*, indica como se dá a formação dos sintomas neuróticos, dando ênfase aos histéricos. Primeiramente, podemos situar tal temática a partir da distinção feita nesta conferência sobre o olhar de um leigo e a de um médico a respeito de um sintoma. Para os leigos, quando há um sintoma, respectivamente há uma doença; já numa visão médica nem sempre a eliminação do sintoma incide na cura da doença. Portanto, para Freud entender os sintomas relaciona-se em compreender a doença, como a postura dos leigos.

Os sintomas são resultantes de um conflito que se estabelece no aparelho psíquico, cujo objetivo é a satisfação da libido. Quando a libido insatisfeita é afastada pela realidade, esta procura outras maneiras de obter satisfação, caso não tenha um objeto substituto. Assim o caminho da libido é fazer uma regressão aos pontos de fixação percorridos pelo sujeito, ou seja, nos objetos abandonados durante a infância, nos quais o eu havia se protegido através do recalque. Nesse retorno aos pontos de fixação, caso ocorra aí uma incompatibilidade com o eu, haverá o conflito psíquico entre ele e o isso. O eu pode impedir que a descarga da libido aconteça. Dessa forma ela procurará um caminho para se expressar. Esse caminho terá que atender as exigências do eu, e ao mesmo tempo as do isso. Assim:

A libido, por assim dizer, é interceptada e deve procurar escapar em alguma direção na qual, de acordo com as exigências do princípio de prazer, possa encontrar uma descarga para suas catexias de energia. Ela deve retirar-se do ego. Uma saída dessa espécie é-lhe oferecida pelas fixações situadas na trajetória do seu desenvolvimento, na qual agora entrou regressivamente — fixações das

quais o ego se havia protegido, no passado, por meio de repressões. (Freud, 1917/2006 p. 362)

O sintoma, formado nestes condições, será, deste modo, uma formação de compromisso entre estas duas exigências distintas do eu e do isso.

Freud (*Ibidem* p. 362) reflete sobre a relação entre o sintoma e o sonho, que se apresentam como a realização de um desejo inconsciente distorcido, e envolvem os mecanismos de condensação e deslocamento para que este desejo chegue a sua realização. Ao mesmo tempo em que o sintoma causa desprazer e sofrimento ao sujeito, também obtém a satisfação pulsional, pois se trata de uma repetição da maneira que se satisfazia durante a infância.

Em relação aos sintomas, verificamos que sua causa é desconhecida por parte do paciente. Portanto, é nesse momento que podemos mais uma vez apontar a existência do inconsciente. Já que os sintomas são formados porque as representações a que estão relacionadas não conseguiram acessar a consciência. O sujeito se depara a um não-saber sobre seus processos psíquicos. Essa idéia sobre o sintoma pode ser constatada em Freud (*Ibidem*, p. 286):

(...) que sempre e em toda parte o sentido dos sintomas é desconhecido para o paciente, e que a análise regularmente demonstra que esses sintomas constituem derivados de processos inconscientes, contudo podendo, sujeito a variadas circunstâncias favoráveis, fazer-se conscientes – se considerarem isto, os senhores compreenderão que, na psicanálise, não podemos prescindir daquilo que é, ao mesmo tempo, inconsciente e mental, e que estamos habituados a operar com esse algo, como se tratasse de alguma coisa perceptível pelos sentidos.

O movimento de poder analisar os sentidos que estão ligados a um determinado sintoma dos pacientes através da psicanálise, consiste em perdurar a afirmação freudiana da existência do inconsciente. Considerando a análise dos sintomas, eles vêm a ser uma substituição de alguma representação que não pôde ocorrer, e teve que se manter inconsciente.

A construção de um sintoma é o substituto de alguma outra coisa que não aconteceu. Determinados processos mentais normalmente deveriam ter evoluído até um ponto em que a consciência recebesse informações deles. Isto, porém, não se realizou, e, em seu lugar — a partir dos processos interrompidos, que de alguma forma foram perturbados e obrigados a permanecer inconscientes — o sintoma emergiu (*Ibidem*, p. 287).

No texto *Psicologia das massas e análise do eu*, especificamente no capítulo VII *Identificação*, Freud (1921/2006, p. 116) faz algumas considerações sobre o processo de identificação na formação dos sintomas. A identificação pode se constituir de três maneiras distintas: primeiramente como a mais forte expressão de um laço social com outra pessoa, tendo ainda uma função no complexo de Édipo, conceito que será abordado no próximo capítulo. No segundo caso, na construção dos sintomas, na qual o eu passa a possuir as características do objeto. Já no terceiro caso, a identificação não deixa de fora as relações objetais, porém, o que influencia neste caso é o desejo de se colocar na mesma situação. Podemos dizer que a identificação possui dois extremos, ao mesmo tempo em que pode ser uma expressão de admiração por seu objeto, também pode ser um desejo de afastar-se dele.

A temática da identificação pode ser vista no caso da paciente Dora<sup>8</sup> de Freud, assim como apontado por ele também neste texto. Dora tinha o pai como objeto de amor e fazia uma identificação com ele através de uma tosse, assim: “a identificação apareceu no lugar da escolha

---

<sup>8</sup> Freud, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905).



de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (*Ibidem* p. 116). A partir desse caso de histeria podemos indicar alguns pontos importantes que podem contribuir a este trabalho.

A paciente Dora era nascida em Viena e oriunda de uma família da burguesia judia. Apresentava, desde sua infância alguns problemas nervosos, tais como tosse nervosa, afonia e dispnéia. Freud conta que a primeira consulta foi após uma briga com o pai, assim como o quadro depressivo que havia acontecido junto com o achado de uma carta que anunciava uma tentativa de suicídio de Dora. Era efetivamente muito ligada ao pai e suas relações com a mãe eram inamistosas. Ela tratava a mãe com superioridade e costumava criticá-la. Seu círculo familiar era composto por seus pais e um irmão um ano e meio mais velho do que ela. A mãe se preocupava com as tarefas domésticas, e na limpeza da casa. O pai de Dora era a figura dominante desse círculo, dada a sua inteligência e seu caráter. Era um grande industrial que beirava os cinquenta anos de idade. Ele também apresentava problemas de saúde. Sofreu de tuberculose quando Dora tinha seis anos.

Dora tinha pouco convívio social, apenas uma governanta da casa, mas que pediu ao pai que a despedisse pois percebeu que não tinha afeto por ela, e um casal amigo da família, o Sr. K e a Sra. K. A Sra. K. cuidou do pai de Dora durante sua enfermidade e, também, era amante dele. O Sr. K sempre foi atencioso com a Dora. Era acostumado a passear com ela e lhe dava pequenos presentes. Este casal tinha dois filhos, e Dora dava carinho e tinha uma dedicada atenção. Dora conta para a sua mãe que o Sr. K. Tinha feito uma proposta amorosa depois de um passeio no lago, e lá o esbofeteou quando ele disse que a esposa não significava nada. O Sr. K. nega tudo e conta para os pais da moça que ela só tinha interesse por assuntos sexuais e que costumava ler livros sobre esses assuntos. Disse que ficou sabendo sobre isso porque sua esposa lhe contou. Num outro momento, na casa do Sr. K., ele agarra Dora e a beija nos lábios. Ela tinha nesta época uns quatorze anos. Nesse acontecimento Dora sentiu uma sensação repugnância pelo Sr. K.

A questão da identificação pode ser vista como uma atualização da experiência traumática existente no sintoma, no qual foi preparado através do complexo de Édipo. Com base nisso, Freud faz uma diferenciação entre a identificação com o outro e a escolha de seu objeto, como:

É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo, o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito mais difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo (*Ibidem*, p. 116).

Veremos no próximo capítulo a articulação do caso Dora frente à posição que a mesma toma em relação a problemática do seu pai frente a Sra. K, e como se dá a questão da feminilidade a partir da identificação.

## 4 CAPÍTULO III – OS COMPLEXOS COMO FORMADORES DA FEMINILIDADE

Como já vimos nos capítulos anteriores, há algo da estruturação do sujeito que aponta, neste caso na neurose, para uma organização em torno do vazio de *das Ding*, ou seja, em torno do objeto perdido que seria passível de oferecer a satisfação pulsional completa, fazendo com que o sujeito apareça e seja forçado a realizar uma escolha dentro do campo da neurose. Assim, poderemos pensar nesse capítulo como se posicionará a histeria frente a este vazio, para que possamos fazer uma leitura sobre o feminino, através da teoria freudiana pelos conceitos de complexo de Édipo e de castração.

### 4.1 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E EM LACAN

O Complexo de Édipo, proposto por Freud, é o fenômeno central do período sexual da primeira infância. O primeiro momento em que Freud (1950[1897]/1990, p. 363) fala sobre o Édipo foi numa carta a Fliess em 1897, a *Carta 71*, descrevendo-o como: “a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância”. De acordo com o Laplanche e Pontalis (2004, p. 70) o termo “complexo” significa:

Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados.

O primeiro momento do Édipo é marcado por Freud em *O eu e o isso* (1923), como sendo um destino de todo ser humano dirigir seu primeiro impulso sexual ao primeiro objeto de amor que é a mãe, e ao mesmo tempo, dirigir talvez o que seria seu primeiro ódio e hostilidade, ao pai. Com a menina, esta hostilidade se dirige para a mãe, quando se volta para o pai como seu objeto de amor. Podemos ver com Nasio (2007, p. 12) que o Édipo é,

(...) a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrolável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. Eis então o essencial da crise edípica: aprender a canalizar um desejo transbordante..

O segundo momento do Édipo, que pode ser verificado em *A Psicologia das massas análise do eu*, relaciona-se a uma nova formulação que é a saída do Édipo com as identificações e sua identidade sexual, já que esta não é dado e nem natural. Nesse momento, há formação do supereu. O Édipo passa a ser estruturante ao sujeito, pois é a partir da relação amor/ódio com os pais, entendendo-se estes como funções, que o sujeito se constitui, se estrutura.

No terceiro momento deste complexo, Freud demarcará uma diferença no Édipo masculino e feminino, tomando a castração como elemento central. Podemos tomar aqui as contribuições de Lacan na ampliação do conceito de complexo de Édipo, no qual há uma constituição da função da mãe, e igualmente a função paterna, na relação do filho com esta. Apesar deste complexo ser deflagrado pela constatação da diferença sexual, tanto em Freud, quanto em Lacan o que está em jogo é algo que não se fixa na dimensão imaginária do corpo. O que está em jogo é a própria falta, este real, que nos constitui como sujeitos, podemos dizer que

essa falta é a mesma que já vimos no primeiro capítulo. O filho é, primeiramente, tomado como o falo da mãe, ou seja, a mãe passa a ter o falo através do filho.

No primeiro tempo do Édipo, o menino deseja ser o objeto de desejo da mãe. Há aí uma alienação à mãe, ao mesmo tempo a demanda de amor. O menino se identifica com o que é objeto de desejo da mãe e crê que isso a faz feliz. Porém não é somente isso que a mãe deseja, e sim a plenitude narcisista, que só poderia se dar por vias imaginárias, pois houve uma castração simbólica nela, ou, em outras palavras, a mãe, enquanto sujeito, já é marcada pela incidência da Lei da linguagem e da função paterna.

A mãe é para o menino o Outro; nessa relação é a mãe que diz qual são as necessidades do filho, ou seja, é o Outro que está no lugar da linguagem. O falo é significante do desejo no sentido que a mãe simboliza esse falo. O menino se identifica com esse significante (“inteligente”, “famoso”, “rico”, “médico importante”, etc.) e acaba tomando da mãe esse desejo, ou seja, é aquele que o desejo da mãe vai ficar inscrito. O menino é, assim, inicialmente, o falo da mãe. No primeiro momento do Édipo o pai não é encarnado, é uma figura abstrata da Lei representado pela linguagem, é ignorado pela criança. É aquele que rege a sociedade, chamado de pai simbólico. É importante ressaltar que a criança não ocupará simetricamente este lugar, já que o desejo da mãe é transmitido de forma enigmática.

No segundo tempo do Édipo é feita uma castração simbólica, ou seja, se faz um corte, um corte na relação mãe/filho, havendo perda para cada um deles. O menino se separa do falo e perde a sua identificação para com ele, e a mãe deixa de ter o falo. A partir daí, se um objeto for investido de valor fálico, a perda desse objeto será revivida como a perda do falo.

A Lei em Lacan é reguladora do desejo do sujeito. Através da castração simbólica, que é exercida pelo pai simbólico, o menino deixa de ser o falo e a mãe de ser fálica; na medida em que investe o menino de valor fálico, a mãe deixa de ser a Lei, que passa a ser instaurada.

Portanto, diz-se que o pai simbólico é o que promove a Lei. O “Nome-do-Pai”, produto da metáfora paterna, que será vista mais a diante, designa o significante que inscreve no menino a função de pai simbólico, implicando assim a castração simbólica e a instauração da Lei. Nesse contexto, não se faz necessária a presença física de uma pessoa real para a realização da castração simbólica, mas sim alguém ou algo acima dela, que representa esta função. Como por exemplo: o trabalho, um filho mais velho, outros objetos.

Nesse segundo momento, o pai é aquele que separa a mãe e filho, e proíbe de ser objeto de desejo um do outro. O pai é aquele que faz valer a Lei, possibilitando que esta seja respeitada. Trata-se aqui do pai real.

No terceiro momento do complexo de Édipo, Lacan no seminário *As formações do inconsciente* (1957-1958) propõe o conceito de metáfora: que é algo que substitui outra coisa, e nessa substituição produz-se uma significação que não existia antes. Este conceito é utilizado para falar da metáfora paterna, pois quando o desejo da mãe é substituído pelo Nome-do-Pai na subjetividade do menino aparece então a significação fálica. Sobre a metáfora paterna Lacan afirma:

A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva a instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde (Lacan, 1957-1958/1999, p. 201).

Nesse momento, ficam instaurados a Lei e o falo como algo acima dos personagens, já que tomam valor de funções. O menino deixa de se identificar com o eu ideal<sup>9</sup> e passa a se identificar com o ideal de eu<sup>10</sup>, ou seja, deixa de ser completo e perfeito e passa a ser representante de um papel dentro de um conjunto, passa a se identificar com aquele que possui o falo.

A criança confronta-se com um pai separador e frustrador, odiando-o como um rival e invejando-o como detentor do falo, ou seja, possuidor da mãe. O pai que tem o poder e age com autoridade. Nesse caso o pai é imaginário. Podemos dizer que durante o Édipo a criança se encontra com três figuras do pai: simbólico, real e imaginário. E estas três figuras conjugadas formarão o supereu.

Há o complexo de Édipo a partir do momento em que a mãe deseja um terceiro entre ela e o filho, independente de ser a pessoa física do pai. O que conta é que ela seja interessada por uma outra coisa que não seja somente o filho. De acordo com Lacan (*Ibidem*), a mãe passa a constituir tudo aquilo que será da ordem da realidade psíquica e o pai tudo o que será do supereu.

No terceiro tempo do Édipo, há uma diferença no desfecho do Édipo da menina e no do menino. A menina vai se identificar com o pai no sentido daquele que tem o falo para dar. E o menino vai se identificar com o pai como aquele que possui o falo.

Podemos dizer então que o complexo de Édipo lacaniano não é apenas uma retradução do Édipo freudiano, mas sim uma criação de um novo sentido, uma nova construção em cima do Édipo freudiano, levando em consideração aspectos deste último. Podemos entender no complexo de Édipo lacaniano como os personagens se posicionam frente ao falo: 1) o menino é o falo,

---

<sup>9</sup> Esse termo foi criado por Freud no texto Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), no alemão *Idealich*, traduzido pela edição da Imago como Ego ideal. Este termo indica um ideal narcísico forjado do modelo do narcisismo infantil.

<sup>10</sup> No alemão este termo se encontra como *Ichideal*, traduzido por Ideal do Ego. Está relacionado a uma formação psíquica resultante do narcisismo e das identificações com os progenitores, constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se.

então a mãe possui o falo; 2) o menino deixa de ser o falo, e a mãe deixa de tê-lo. O pai é o falo que priva a mãe; 3) o pai tem o falo, mas não é o falo. O falo passa ser reinserido na cultura.

Freud (1925) em seu texto *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, mostra que somente examinado as primeiras manifestações e experiências sexuais infantis podemos avaliar o motivo de sua neurose na vida adulta. Com base no que já vimos sobre a escolha da neurose, podemos indicar que a escolha da neurose feita pelo sujeito é ratificada na dissolução do complexo de Édipo.

#### 4.2 O COMPLEXO DE ÉDIPO NA MENINA E NO MENINO

Primeiramente, trata-se de esclarecer a diferença, de certa maneira, do complexo de Édipo entre meninos e meninas, uma vez que, *a priori*, o processo deveria ser semelhante nas meninas. Sobre o complexo de Édipo no menino, é o primeiro processo que pode ser identificado, no qual o menino retém o mesmo objeto em que investiu sua libido, desde quando era amamentado e cuidado. Há então, conforme vimos, uma rivalidade com o pai, visto como perturbador da relação dual para com a mãe. Porém, é uma via de mão dupla; há também o desejo de tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu pai. Nesse período, há uma identificação para com o pai, e uma atividade de masturbação na infância a fim de descarregar a energia, ativando o complexo de castração.

Durante a análise, pode-se verificar o fato de que a criança escutar a relação sexual dos pais estimula sua primeira excitação sexual, e ser o ponto de partida para seu posicionamento frente ao sexual.

Tanto na menina quanto no menino, o primeiro objeto de amor é o mesmo, a mãe. No caso da menina, ela abandona esse primeiro objeto para tomar objetivamente o pai. No texto



*Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud pontua que a menina percebe que os meninos possuem pênis, seja através de um irmão ou um outro menino, e que este órgão é maior que o seu, dando-lhe a idéia de que ela um dia possui tal órgão e que este lhe foi retirado, havendo, portanto, aqui a inveja do pênis. No menino, não ocorre desta maneira, a falta do pênis na menina lhe é imperceptível, porém, diante de uma ameaça de castração, ele passa a perceber a falta do pênis, causando uma tormenta em também ser castrado.

Esse momento determina a forma de relacionamento do menino para com as mulheres, um desprezo pelo sexo feminino. Na menina, é diferente, ela percebe que não possui o pênis e deseja tê-lo. A menina pode recusar o fato de ser castrada, e passar a se comportar como homem. A mulher ao se dar conta de sua falta, geralmente passa a se sentir inferior.

Outra conseqüência da inveja do pênis é a questão de um desligamento do afeto do objeto materno, pois a mãe é dada como culpada pela falta de pênis. No início da inveja do pênis, há um forte sentimento contra a masturbação, pois não teria como fazê-lo. Esta situação tem seu desfecho quando a menina abandona a idéia de ter um pênis, e passa a desejar ter um filho, tomando o pai como objeto de amor e a mãe objeto de ciúme.

É preciso destacar que se nos meninos o complexo de Édipo é destruído pela ameaça de castração, nas meninas ele se faz possível através dela, ou seja, o complexo de castração, como será trabalhado mais detalhadamente a seguir, inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade.

Nos casos ideais, o complexo de Édipo não permanece, nem no inconsciente, pois houve a dissolução do mesmo e o supereu passou a ser seu herdeiro.

Com isso, podemos dizer que o complexo de Édipo masculino terá duas conseqüências na construção da estrutura de subjetividade: o nascimento de uma instância psíquica, o supereu, e a confirmação de uma identidade sexual que será afirmada na puberdade.

Relacionando estes dois complexos com os sintomas, podemos dizer que estes últimos, na idade adulta, sejam eles uma fobia, histeria ou obsessão, seriam uma repetição de uma mesma situação que sofreu uma angústia traumática. A neurose, portanto, é um retorno de uma fantasia infantil de angústia de castração.

Freud (1920/1996 p. 31) aponta no texto *Além do princípio do prazer* que as idéias recalçadas na infância voltam à tona na vida adulta como forma de sintoma, ou transferida na relação do paciente com o analista:

Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (*acted out*) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico. Quando as coisas atingem essa etapa, pode-se dizer que a neurose primitiva foi então substituída por outra nova, pela ‘neurose de transferência’.

É através dessa via da transferência que podemos, com a clínica, conduzir a análise no que diz respeito à estrutura neurótica da histeria, e, principalmente, poder escutar os seus sintomas a fim de se chegar à articulação da temática entre o feminino e a histeria.

#### 4.3 O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E A QUESTÃO DO MASCULINO *VERSUS* FEMININO

Retornando ao texto freudiano *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud propõe o termo complexo de castração quando vai falar da ausência de pênis na mulher, e que todas as crianças pensam que a mulher tinha um pênis e que foi perdido

pela castração, colocando o clitóris da menina como substitutivo do pênis. Daí a questão da inveja do pênis, pois a menina ao ver que o menino possui e ela não passa a querer tê-lo.

Freud (*Ibidem.*), ao falar do menino em relação ao pênis, divide este complexo em dois momentos: 1) que todos possuem pênis, até mesmo os objetos e todos os seres. É feita uma generalização a partir de sua experiência própria. Não há no pensamento que existam seres sem pênis; 2) o pênis se trata de um presente, que pode ser perdido. Há a angústia da castração como ocorreu na menina, conforme vimos mais acima. A menina acha que o menino é completo por possuir o pênis e que ela não possui porque a mãe não deu. A menina se sente inferior ao menino, pela ausência de pênis. O complexo de castração é, portanto, a angústia da castração no homem e a inveja do pênis na mulher (inferioridade).

No texto *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*, Freud (1923) retomará esse assunto sobre a castração da menina e do menino, porém, ele aponta que a menina terá a sensação que foi castrada por motivo de uma punição, e que só poderá ter o falo através de um bebê. E é neste texto que Freud começa a utilizar o termo falo.

Como uma ampliação desse conceito, Lacan (1958/1998) vai dizer sobre o falo que este é o significante de uma falta, e também é o significante do desejo. O significante é algo que fica inscrito de uma outra ordem, de alguma ausência, e pode ser anulado. Com isso:

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. (...) E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (...) Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (*Ibidem*, p. 696)

Então se pode dizer que o falo é o que aparece como lugar da falta. Para Lacan, ser ou ter o falo depende da organização e do lugar ocupado no desejo dos três protagonistas (mãe, pai e filho).

Há dentro da teoria lacaniana o falo imaginário, que permite manter ilusão de que nada falta. Por exemplo: dinheiro, carros, imóveis, podem ser o falo imaginário, pois completaria uma falta.

A castração caracteriza o falo como significante. Ela está relacionada ao fato de que a plenitude falta, e de que o sujeito tem que se confrontar com essa falta a ser. O objeto que preencheria totalmente é inexistente. A condição do ser humano é da impotência, pois diante da morte não há soberania. A morte, a doença, perdas, configuram-se como a castração, como presentificações do real, deste impossível de ser simbolizado. Do ponto de vista da psicanálise, para que se possa desejar é necessário que haja a falta. Assim podemos afirmar que só há desejo se houver castração.

Como já vimos anteriormente, a satisfação pulsional é parcial, sendo impossível chegar à satisfação completa, o que instaura o desejo. Assim, podemos pensar nos sintomas histéricos, no que diz respeito ao seu desejo insatisfeito, sendo daí que a histérica se pergunta sobre a sua condição feminina.

Na conferência sobre *Feminilidade* (1933/2006), Freud questiona se a psicologia teria parâmetros suficientes para distinguir sobre o que é específico do masculino e do feminino. Postula que os dados anatômicos e biológicos não seriam suficientes para definir o que é o masculino e o feminino, atribuídos na cultura às funções reais e simbólicas, inerentes ao homem e à mulher. Faz equivaler "masculino" a ativo e "feminino" a passivo, advertindo que podem ser influenciados pelo social.

Freud neste texto aponta uma afirmação importante em relação à mulher, no qual:

(...) a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (*Ibidem*, p. 117).

Portanto, não é tarefa da psicanálise dizer o que é a mulher, mas sim o caminho percorrido para estar frente a tal posicionamento, e não a outro. A questão a se saber são os processos em que são percorridos na constituição de uma neurose.

Assim, Freud indica que podemos ver como a neurose, em especial a histeria, aponta para algo que remeterá a este conjunto de complexos no sujeito que se organiza psiquicamente, e não biologicamente, nestes parâmetros. Nesse sentido, Freud coloca três saídas para a mulher no complexo de Édipo:

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. Temos aprendido uma quantidade considerável, embora não tudo, a respeito das três. (*Ibidem*, p. 126)

No texto *A significação do falo* (1958), Lacan aponta duas funções do complexo de castração que atua como um nó na estruturação dinâmica dos sintomas, podendo ser vista tanto nas estruturas clínicas quanto também na posição inconsciente do sujeito frente ao seu tipo de sexo. Dessa forma, podemos pensar que em cada estrutura clínica o sintoma remete a uma

resposta ao complexo de castração. Assim, podemos verificar a posição da histérica frente à castração a partir daquilo que ela traz em sua fala acerca de seu sintoma e, conseqüentemente, de sua posição subjetiva.

No entanto, sobre a diferença sexual, já vista no texto freudiano da Feminilidade, o que se trata não é algo da ordem da diferença anatômica entre os sexos, mas sim a resposta dada à castração. Nesse sentido, Lacan, no referido texto, vai propor que o falo é o significante de uma falta, e também é o significante do desejo. “O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*)” (*Ibidem*, p. 698). Lacan diz que a satisfação, a demanda e o desejo não são a mesma coisa. O desejo não é a sede ou a fome, e nem a demanda de amor; será no desencontro entre a satisfação e a demanda que surgirá a dimensão do desejo. O surgimento do desejo é da ordem do recalque originário, que não se tem acesso através da elaboração significante.

A partir dessa dinâmica satisfação, demanda e desejo, Lacan (*Ibidem*, p. 702) define a posição da sexualidade feminina como a de ser o falo, isto é, não possuí-lo, propondo assim a feminilidade como máscara, o que ele denominará de mascarada feminina. Podemos pensar esta questão no caso Dora, através do comportamento que esta tinha frente à Sra. K. A questão e a pergunta que Dora tinha relacionava-se à mulher, e ao enigma sobre o feminino, já que buscava encontrar na Sra. K tal resposta que era causa de desejo do pai.

Sobre esta dinâmica entre Dora e seu pai, Lacan (1955-56/2002, p. 203), ao comentar este caso freudiano sob a luz da questão *O que quer uma mulher?*, nos indica que:

Quando Dora se vê interrogar a si mesma sobre *o que é uma mulher?*, ela tenta simbolizar o órgão feminino como tal. Sua identificação com o homem, portador do pênis, é para ela, nessa ocasião, um meio de aproximar-se dessa definição que lhe escapa. O pênis serve literalmente de instrumento imaginário para apreender o que ela não consegue simbolizar.

É, portanto, nesta via que a psicanálise pode escutar o sintoma na histeria a partir daquilo que ele nos aponta sobre a problemática do enigma que se apresenta à mulher acerca do feminino, ou, se preferirmos, do tornar-se mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos possibilitou percorrer o caminho desde a constituição do psiquismo e do sujeito a fim de chegarmos aos processos envolvidos na constituição da histeria, e a uma leitura das suas questões no que se refere ao seu campo clínico. Podemos pensar no sintoma histérico como uma resposta frente ao real, assim, também como uma indicação da posição do sujeito frente ao vazio do objeto e ao sexual.

Juntamente com o caso da paciente Dora, de Freud, conseguimos compreender a dinâmica da estrutura histérica, através das identificações por ela feitas, e dos complexos passíveis a todos os sujeitos, em especial à neurose histérica, a qual foi particularmente trabalhada, para um melhor entendimento em relação à posição frente à questão que esta estrutura clínica traz sobre a mulher e o feminino.

Sobre esta articulação entre a histeria e o feminino, como indicamos de saída no título de nosso trabalho, nosso intuito foi promover um estudo preliminar, enfatizando a resposta que o sujeito pode dar frente ao vazio de sua constituição subjetiva, e caminhando, em especial, o que a teoria Freudiana tem a nos contribuir sobre estas temáticas.

Entretanto, com base no que foi estudado, foi possível perceber a importância teórica do conceito de objeto a, para poder trabalhar os outros conceitos relacionados, mesmo não tendo aprofundado muito neste conceito, vale indicar que merece atenção, podendo ser trabalhado em pesquisas futuras.

Nesse mesmo sentido, podemos indicar a relevância de se estudar o seminário de Lacan *Mais, ainda*, em especial a construção das fórmulas quânticas da sexuação, para poder entender como o falo ganhará outra leitura neste momento, sendo o homem referido a ele, e a mulher não



toda referida a ele. Assim, como também o autor Serge André (1998), em seu livro sobre *O que quer uma mulher?*, que deu uma importante contribuição sobre a questão da mulher e do feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ELIA, L. **O conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREUD, S. **Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

(1950[1897]) **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 71.** Vol. I.

FREUD, S. **Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

(1893) **Estudos sobre a histeria.** Vol. II.

1950 [1895]) **Projeto para uma psicologia científica.** Vol. I.

(1950[1896]) **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 52.** Vol. I.

(1901[1900]) **A interpretação dos sonhos.** Vol. V.

(1905[1901]) **Fragments da análise de um caso de histeria.** Vol. VII.

(1915b) **Recalque**. Vol. XIV.

(1915c) **O inconsciente** Vol. XIV.

(1917 [1916-17]) **Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas**. Vol. XVI.

(1919) **O estranho**. Vol. XVII.

(1920) **Além do princípio do prazer**. Vol. XVIII.

(1923) **O eu e o isso**. Vol. XIX.

(1923) **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. Vol. XIX.

(1925[1924]) **Uma nota sobre o bloco mágico**. Vol. XIX.

(1925) **A negativa**. Vol. XIX.

(1925) **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Vol. XIX.

FREUD, S. **Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

(1913) **A disposição à neurose obsessiva**. Vol. XII.

(1915a) **As pulsões e suas vicissitudes**. Vol. XIV.

(1917 [1916-17]) **Conferência XVIII – Fixação em traumas – inconsciente**. Vol. XVI

(1921) **A psicologia das massas e análise do eu**. Vol. XVIII. p. 115-120

(1933) **Conferência XXXIII – Feminilidade**. Vol. XXII. p. 113-134

LACAN, J. (1958) A significação do falo. *In*: **Escritos** (em negrito). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 692-703.

LACAN, J. (1964) **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1955-1956) **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LACAN, J. (1957-1958) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. (1972-1973) **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASIO, J.D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.